

gente pontoserpro



Revista Interna Nº 25 - Jun/Jul 2013

• **PELO DESERTO...**

Um trio se aventura de moto pela América do Sul

.....

• **AJUDA DE 8 E A 80**

Colega é voluntário em orfanato e em lar de idosos

.....

• **MEU CRACHÁ**

Identidade corporativa vira símbolo de pertencimento à empresa

AUTORES PARA TODA OBRA

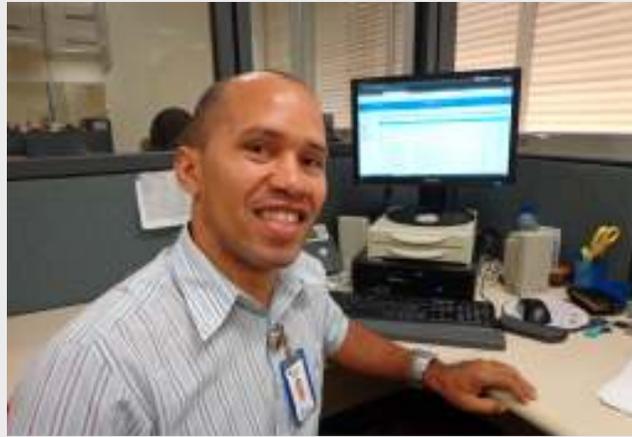
Livros de serprianos abordam de sexologia a finanças, de informática a espiritualidade.

LITERATURA VARIADA

Conheça obras de oito colegas que conciliam o trabalho no Serpro com a criação escrita

Livro é uma publicação não periódica que contém mais de 49 páginas, conceitua a Associação Brasileira de Normas técnicas, ABNT, remontando a uma definição da Unesco. Já o dicionário Houaiss afirma que esse objeto é uma “coleção de folhas de papel, impressas ou não, cortadas, dobradas e reunidas em cadernos cujos dorsos são unidos por meio de cola, costura etc, formando um volume que se recobre com capa resistente”. Mas para oito dentre oito escritores ouvidos pela GPS, livro é, antes de tudo, uma oportunidade de obter prazer: os colegas cumprem uma segunda jornada de trabalho pela satisfação de compartilhar conhecimentos e vivências.

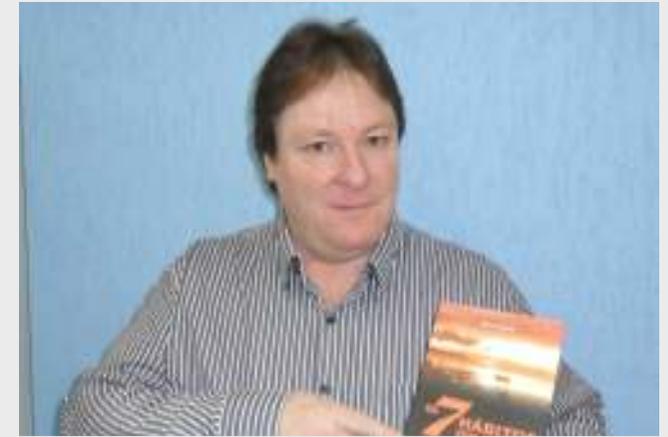
Emoções, relacionamentos, e o prazer em sua vertente erótica, são tratados por um colega do Distrito Federal, pós-graduado em sexologia. Já um empregado de Porto Alegre apresenta uma visita a sentimentos naquilo que conceitua como catarse: um conjunto de quatro obras de poemas e crônicas. De Salvador, um ex-professor de inglês oferece um manual didático para quem quiser baixá-lo da intranet do Serpro; enquanto em Florianópolis um serpriano descortina o beabá da felicidade financeira. Literatura espiritualizada tem dois autores e, como era de se esperar, a área de informática também tem dois representantes. Confira. ■



■ **Salvador**
All in English

Na casa de Marcos Aurélio da Silva, da Supop, todo mundo fala inglês - inclusive quem está começando, como o filho de quase dois anos. Professor de idiomas, ele começou a produzir material didático em 1999, a partir da necessidade de complementar os livros adotados pelas escolas nas aulas de inglês. Os primeiros volumes tinham formato de apostilas, que atendiam desde alunos da alfabetização até estudantes do ensino médio. “Com o passar do tempo, os módulos passaram por aprimoramentos até se tornarem livros didáticos, com maior enfoque na conversação”, explica. Os livros de Marcos ainda são utilizados pelas escolas nas quais lecionou, hoje com recursos audiovisuais, como CDs, DVDs e apresentações gráficas.

No Serpro, Marcos produziu, por iniciativa própria, o curso de Inglês Técnico. Interessados podem solicitar o trabalho a ele via email: marcos.silva@serpro.gov.br



■ **Florianópolis**
Os 7 hábitos dos financeiramente felizes

Pessoas com renda “estratosférica” mas infelizes com seus problemas financeiros, e gente feliz e prosperando com renda modesta sempre intrigaram o analista Nério Venson, que resolveu estudar o assunto e chegou a prestar serviço de orientação financeira a famílias e empresas. “Conversei com gente de todas as classes sociais, homens e mulheres, solteiros e casados, com filhos e sem filhos, estudantes, trabalhadores e empresários, ricos e pobres”, explica o autor. O resultado foi o livro “Os sete hábitos das pessoas financeiramente felizes”.

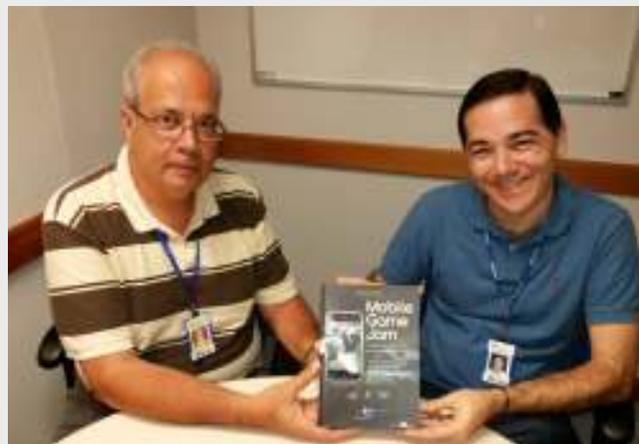
E o colega é generoso a ponto de adiantar logo quais são os tais sete hábitos: poupar; gastar com sabedoria, pagar à vista; planejar a vida; negociar; ser solidário e viver com simplicidade. Se funciona? “Claro! É fácil desenvolver esses hábitos simples para viver melhor gastando menos”, garante. É ler para crer.



■ **Belo Horizonte**
Em busca de outros mundos

"Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o mundo". A frase, atribuída a Sócrates, é uma das inspirações para a obra "Em busca de ser: entropias e esperanças", escrita pelo empregado Adelson Afonso da Silva França, da Supgs. O livro, que deve ser lançado ainda em 2013, narra o encontro de duas personagens de diferentes "mundos": a primeira do cotidiano normal; a segunda vinda de um plano mais avançado. Desse encontro resultam inúmeros diálogos sobre vida, morte e existências múltiplas.

"Há algum tempo a ideia de fazer o livro me persegue", conta Adelson, que pretende lançar um CD com trechos do livro em forma de canção. Em 1998, o colega compôs e lançou o disco de linha religiosa "Vida Futura". De acordo com Adelson, sua relação com leitura e poesia é muito prazerosa. "Ler é dar vida à obra, que é renovada na mente de cada leitor", pontua.



■ **Rio de Janeiro**
Faça seu jogo

Francisco Rodrigues e Cleuton Sampaio, da Supst do Rio de Janeiro, escreveram juntos o livro Mobile Game Jam, produzido em um mês e meio, que mostra como elaborar e implantar jogos para plataformas móveis. Na publicação, é possível encontrar também os códigos de alguns dos games que eles disponibilizaram para o Google Play.

A primeira parceria da dupla foi em 2010, na criação de um portal que ajudasse as pessoas a lidarem com as tecnologias móveis, que estavam começando a aparecer. O portal, que teve críticas positivas, possuía muitas notícias sobre games. Isso motivou os colegas a escreverem o livro, o primeiro de Francisco, e o vigésimo de Cleuton. Sempre gostei de escrever sobre tecnologia, lancei meu primeiro livro em 1995, conta Cleuton, que publica, neste mês, o "Manual do Indie Game Developer", em que ensina a construir um framework simples para criar games móveis.



■ **Brasília**
Fábulas terapêuticas

"Muitas pessoas em sofrimento não procuram ajuda terapêutica, seja por preconceito ou por falta de condições financeiras", comenta José Roberto Cabral, psicólogo pós-graduado em sexualidade humana, além de administrador. Por isso o colega, lotado na diretoria de Operações, resolveu escrever livros de ficção, principalmente fábulas, sem a ideia de "terapeutização" tão evidente. Daí veio a inspiração para a produção de vários volumes: "Despertar de um Mago", "Sete Princesas", "Despertar de Eva", "Inimigo nº 1 dos Homens", "Nem Tudo são Flores Quando o Assunto é Homem" e "Eva Veio Antes". Em breve, Cabral lançará "Freud e o Divã Rasgado".

Em paralelo às atividades de escritor, o colega mantém um blog no Jornal Alô Brasília sobre a psicologia do dia a dia chamado "Tratamento de Choque" e uma coluna chamada "pergunte ao Zé" num Blog de Atividade Física e Saúde.



■ **Curitiba**
Informática amiga

Maurício Ferste, analista de desenvolvimento lotado na Supde em Curitiba, sempre teve a ideia de escrever um livro simples e de fácil compreensão a todos os que estivessem se aventurando em disciplinas de Introdução à Informática nos cursos de nível superior. Assim surgiu “Computador, sua máquina, seu amigo!”. O objetivo era proporcionar um livro que oferecesse fundamentos e, para isso, o colega dedicou meses de pesquisa em outros livros e em páginas na internet.

“Foi um enorme desafio, dado a multidisciplinaridade dos assuntos abordados, mas creio que o resultado final foi muito interessante”, avalia. “Aprendi muito mais do que consegui repassar, tanto com o processo de pesquisa quanto com a escrita do livro em si. Tive de acompanhar vários trabalhos paralelos de edição, como por exemplo a diagramação e desenho de ilustrações”, ressalta o colega.



■ **Porto Alegre**
Escrita de mão dupla

“Redigir um livro e publicá-lo são processos muito distintos. Se você ainda não está no mercado, precisa se concentrar no prazer da escrita, não no da publicação”, destaca Sergio Peixoto Mendes, da Scepr, unidade responsável pela governança de processos. Graduado em filosofia, Teo, como é chamado na regional, tem duas vertentes literárias: na área lírica, publicou três volumes de poemas, crônicas e aforismos. E assina também obras de não ficção, como “Gestão de Conhecimento Individual”, pela Visual Book.

“Os livros de poesia e crônicas são catarses, recortam pedaços da minha vida, representam uma visita a muitos sentimentos, tanto em relação a pessoas quanto à cidade de Porto Alegre, diz o colega, natural de Santa Catarina. “Já os livros técnicos exigem um cabedal de leitura e citações que às vezes chega a ser exaustivo”, destaca Teo. Outras obras estão disponíveis no formato para Kindle, na Amazon, como: Philoterapia: Desafiando o tédio individual e organizacional.



■ **São Paulo**
Universos místicos

Ele não se lembra exatamente quando começou a gostar de escrever e não classifica sua habilidade como talento. “Prefiro tratar como algo prazeroso” declara Jean Carlos Hesse Brone, da Supcd. O colega, que assina J.C. Hesse no mundo literário, tem uma série de obras que apostam no misticismo. “Diário do Zézu - Passagens”, é uma obra impressa em fase de pré-lançamento pela Modo Editora. O colega também redigiu outros quatro títulos disponíveis virtualmente no site Clube de Autores, três em formato de série: “Tallek - Universos Paralelos”; “Tallek - Poder e Liberdade”, “Tallek - Entre os Universos” e “Cartas & Sombras”.

Jean declara que fez opção consciente pela ficção. “Sinto-me com mais liberdade para caminhar dentro da personalidade de cadaum dos personagens” explica. Atualmente, o colega trabalha num texto romântico para o blog do Clube dos Novos Autores e alimenta o blog <http://www.escriptorjchesse.blogspot.com.br/>.

EXPEDIÇÃO ATACAMA

Três colegas contam como foi viajar de moto pela América Latina durante 28 dias

Elas saíram de Brasília rumo ao Acre, atravessaram a Amazônia, o Deserto do Atacama e percorreram cidades do Brasil, Peru, Chile e Argentina durante praticamente um mês. Como saldo dessa aventura, a pergunta básica “o que mais marcou cada um?” destrava uma sequência de imagens ainda vívidas na lembrança de Dênis Marcio Oliveira, da Sunfj, Ricardo Arrivabene, da Sunac, e Josué Umbelino da Ceago:

“Em um dia você está no meio da floresta e viaja sentindo o ar quente no rosto, aquela umidade, tudo verde em qualquer direção que olhe. Então, roda mais e mais e a vegetação vai rareando, o ar se torna mais seco, o terreno ganha altitude. Em menos de 48 horas sai daquele calorão, do verde exuberante, para uma paisagem montanhosa, que chega a 4 mil metros, onde já se avistam os picos de neve lá em cima ... isso foi uma das sensações mais incríveis dessa viagem”, descreve Dênis.

“Em outra ocasião, percorremos horas e horas no deserto, com a temperatura bem alta, para no final do dia nos depararmos com o Pacífico, em um por do sol bellissimo, aquele marzão e as dunas... Foi outro grande impacto a chegada a São Salvador de Jujuy, na Argentina”, lembra Ricardo Arrivabene. “Mas, antes mesmo de chegar ao deserto, já tivemos outra experiência marcante, que foi chegar a São Pedro de Atacama, um lugarzinho bem bonito cercado de lagoas altiplânicas” empolga-se Arriva, como é conhecido o colega.



Dênis, Arrivabene e Josué em um dos pontos mais altos dos Andes

Josué Umbelino concorda: “São Pedro é uma cidadezinha sem asfalto e cheia de bares com lareiras, já que à noite faz muito frio. Parece aquele barzinho de Guerra nas Estrelas, porque você encontra gente de tudo que é planeta”, relembra, divertido. Bebe-se vinho bom e barato com quarenta reais, e são vinhos maravilhosos. Olha, eu certamente voltaria a esse lugar, mas não com esses dois marmanjos”, brinca Josué.

Quase sem problemas

Os três colegas de Brasília percorreram esse roteiro no último mês de abril, para escapar do frio extremo de julho e da época das chuvas em janeiro. Foram cerca de dez

mil quilômetros cada, viajando de 4 a 12 horas por dia. Fizeram todo o trajeto em segurança, com apenas duas ocorrências dignas de nota: um problema de pneu que forçou uma chegada a Lima e atrapalhou a visita ao lago Titicaca. Outro imprevisto foi um desencontro no meio do deserto.

Na passagem pela alfândega do Chile, rumo à Argentina, Arrivabene e Dênis passaram primeiro e resolveram abastecer no posto ao lado. Josué não os viu. Saiu em disparada, já inconformado com a decisão dos colegas de não esperá-lo. Ali, no descampado, eles não poderiam se afastar por mais de um quilômetro sob risco de perder a



○ encontro com o Pacífico: experiência marcante

comunicação, que se fazia entre os três por meio de um dispositivo eletrônico conectado aos capacetes. Josué achava que estava atrás dos amigos, por isso percorreu em alta velocidade um trecho de 300 km até que parou, por falta de combustível. Os outros dois, atrás, também vinham acelerados, parando de posto em posto para perguntar sobre o colega. Depois de “duas horas e pouco” sem maiores danos, os companheiros se encontraram, resolveram o pequeno estresse e seguiram viagem.

Doidos por motos

O papo sobre a viagem começou a surgir em uma manhãzinha de janeiro de 2012, no estacionamento de motos do Serpro Brasília. Satisfeito com a aquisição de uma BMW Gs650, Arrivabene conversava com Dênis, que

tem uma BMW Gs800. “Eu quero rodar pela América do Sul, mas ainda não tenho companheiro pra ir”, disse Arriva. “Não tinha”, respondeu Dênis, de pronto. Durante dois meses, a dupla planejou o roteiro, que passou a incluir o Acre, terra natal de Dênis, e um conveniente cruzar de fronteiras pelo Peru. A apenas dez dias da partida, em um outro encontro de estacionamento, Josué decide participar a aventura. “Com férias obrigatórias começando em abril, eu me perguntei: o que vou ficar fazendo em Brasília? E me juntei a esses doidos”, relembra o colega, que tem uma Kawasaki Ninja 1000.

O prazo de dez dias para tirar todos os documentos necessários fez com que Josué corresse um bocado. Além de revisar a moto, era preciso providenciar: identidade

nova (aceita-se no máximo uma que tenha até cinco anos) ou passaporte; carteira de habilitação internacional; carta verde, um tipo de seguro a terceiros exigido a motoristas nos países do Mercosul; e o Soat, outro seguro exigido para trânsito motorizado no Peru, Equador, Colômbia e Venezuela. Josué, não só deu conta da tarefa no tempo previsto, como ainda fez o seguro pessoal que o grupo achou por bem realizar.

Com tudo a postos, foi num domingo chuvoso no final de março que os três amigos montaram juntos em suas possantes e iniciaram viagem a partir de Rio Branco, no Acre, sendo que Dênis e Josué já tinham iniciado o percurso em Brasília. Depois de passar pela Amazônia, pelos Andes e pelo Deserto do Atacama, retornaram ao Brasil a partir do lado argentino das Cataratas do Iguazu, foram a Londrina, no Paraná, e, antes de pegar o rumo de volta a Brasília, fizeram uma parada estratégica no famoso Bar Pinguim, em Ribeirão Preto.

E a próxima aventura já está em pauta: partir do Rio Grande do Sul para chegar a Ushuaia e companhia. Depois, prevêem um roteiro pela América do Norte. Quando não for mais possível fazer todo o trajeto em duas rodas, a ideia é despachar as motos para outros continentes.

O encontro com turistas do mundo todo foi outro ponto alto destacado pelo trio. “Encontramos uma francesa de 60 anos viajando sozinha com sua moto; conhecemos dois irmãos australianos que passarão 10 meses rodando aqui na América do Sul”, lembra Arrivabene. “Você vê paisagens com belezas diferentes da que você está acostumado, e ainda encontra gente nova. Tudo isso abre sua cabeça”, comenta Josué. Com todos os motivos fervendo em uma audioconferência pra lá de animada, os colegas parecem corroborar uma frase popular que roda a internet: “o grande risco de viajar de moto é viajar demais”. ■

Como chegar Meus lugares

Carro Ônibus Caminhante

- A Brasília - DF
- B Rio Branco - AC
- C Puerto Maldonado, Peru
- D Cusco, Peru
- E Nazca, Peru
- F Lima, Peru
- G Arica, Arica, Chile
- H Iquique, Chile
- I San Pedro de Atacama, San Pedro de Atacama
- J San Salvador de Jujuy, Jujuy Province, Argentina
- K Pampa del Infierno
- L Foz do Iguaçu
- M Londrina - PR
- N Ribeirão Preto - São Paulo
- O Brasília - DF

Adicionar destino - Mostrar opções

COMO CHEGAR

Trajetos sugeridos

BR-050 11.240 km, 148 horas

Rota de carro para Brasília - DF

Esta rota possui pedágios.

500 km / 200 mi

Satélite
Trânsito

○ mapa da aventura: em 28 dias, um total de 30 mil quilômetros rodados

SEMPRE À ALTURA DO PEITO

Uso diário do crachá o transforma em um símbolo de leituras diversas

Cada regional fica em um pedaço do Brasil, com clima, costumes e roupas que podem se revelar contrastantes. Mas uma coisa iguala todos os trabalhadores das mais diferentes áreas da empresa: o crachá pendurado no pescoço. O cartão de plástico com foto, nome, cargo e sua cordinha azul é motivo especial de orgulho para muitos, como a baiana Maria Francisca dos Santos, que trabalha na área de Gestão de Pessoas, em Salvador. “Ainda guardo meu primeiro crachá, junto de outros objetos que trazem boas lembranças”, diz. Já Rita Barbosa, colega de empresa que divide o espaço físico de Maria Francisca, acostumou-se a usar o crachá, mas perdeu a conta de quantos modelos e unidades já teve. “Eu gosto de usar crachá e sinto falta se não estiver com ele, mas nem lembro mais como eram os modelos antigos”, conta Rita.

Crachá com bolinhas

Ao contrário da colega baiana, Vera Veronese Soletti, da Supgp de Porto Alegre, dificilmente esquecerá quais foram seus crachás: ela doou os modelos que recebeu da empresa para o memorial que existe na regional gaúcha (foto na página 10). “Houve uma época em que os crachás pos-



Para Francisca (esq) e Rita, de Salvador, crachá é mais que um mero identificador

suíam uma bolinha, diferenciada pela cor, que indicava o nível de acesso das pessoas a cada área de trabalho. Quem possuía um crachá com mais bolinhas, tinha acesso a mais ambientes. Muitas vezes, brincávamos que o colega que

estava ganhando uma bolinha diferente estava trocando de time. Foi interessante quando a empresa decidiu retirar essas marquinhas: ficou patente a sensação de que estávamos todos no mesmo nível”, recorda-se. ▶



Rilberto Machado, ao centro: “crachá representa estabilidade”

Além de objeto de identificação, o crachá carrega o simbolismo da inserção no mundo do trabalho, analisa Rilberto Machado, analista da Regional Recife. “Tenho orgulho de usar o meu. Ele representa a estabilidade no emprego e também ajuda na identificação quando atendemos clientes e visitantes”, diz o colega. “Quando entrei no Serpro, em 1971, o crachá era uma sacolinha de plástico, com um cartão datilografado. Mas aquela sacolinha representava não só a identificação, mas o fato de ter passado

pelo período de experiência e obtido emprego público”, relembra.

A relação de identidade entre o trabalhador e a empresa mediada pelo crachá foi objeto de pesquisa de mestrado de Maria Aparecida Rhein Schirato, na Universidade de São Paulo. Em sua monografia, a pesquisadora aponta para o risco de o crachá deixar de ser mero instrumento de identificação e se tornar “sobrenome” fora do dia a dia profissional. Isso quando, por exemplo, uma pessoa pas-

Você Sabia?

Uso regulamentado por Norma

No Serpro, a primeira norma que tratou da obrigatoriedade do uso de crachá foi a NF 6200.00.03 Versão 01, com data de vigência em 14/10/1997 e publicada em três versões. Nessa norma, não há modelos de crachá.

Em 17/9/2001, o assunto passou a ser regulamentado pela norma SG 002 e já está na sua 17ª versão. Nessas normas, há modelos de crachá desde a sua 1ª versão.

Pela SG 002, o crachá é o documento de identificação do empregado do Serpro e deve ser recolhido pela empresa ao final do contrato de trabalho. Seu uso é obrigatório nas dependências da organização e adota as determinações do programa de Equidade de Gênero visando a eliminação de todas as formas de discriminação.

A norma estabelece, ainda, que o crachá deve ser usado na altura do tórax e em caso de perda, furto, roubo ou extravio a comunicação à empresa deve ser feita por escrito e imediatamente após a ocorrência.

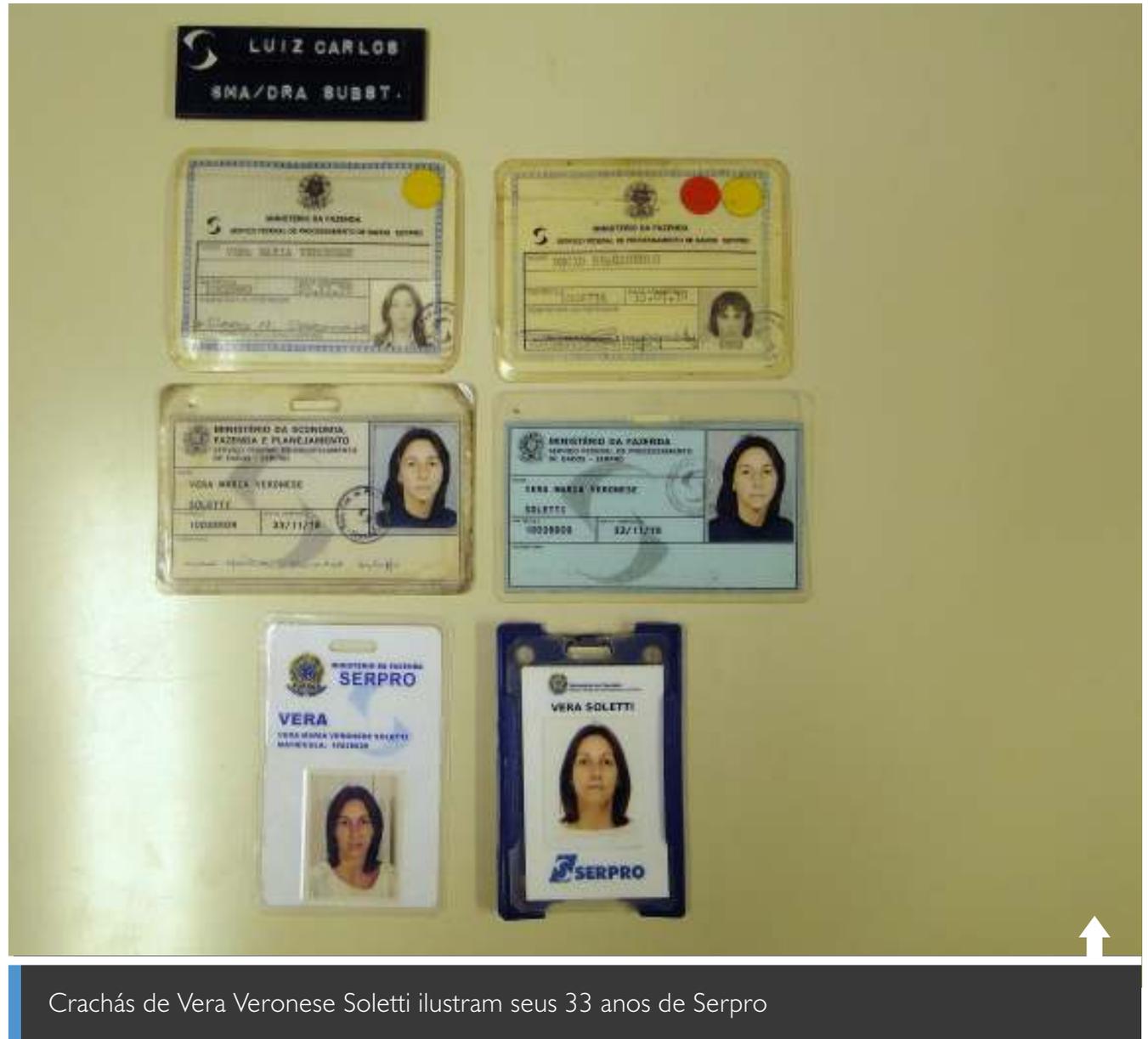
Especifica ainda modelos diferenciados para empregado, conselheiro, terceirizados, visitantes, estagiários e aposentados.

sa a se identificar somente como “fulano de tal da empresa X”, mesmo fora do ambiente corporativo.

Como uma peça de roupa

Há quem assimile a ideia de usar crachá com tanta normalidade que seu uso se torna natural como o de uma peça de roupa. É o caso de Ana Santos, 40 anos de Serpro, que vira e mexe esquece de tirar a cordinha do crachá e sai com ele pelas ruas do Recife na hora do almoço. “Já perdi a conta de quantas vezes cheguei em casa, estacionei o carro e fui pra rua cumprimentar os vizinhos ainda usando o crachá, sem contar as inúmeras ocasiões em que fui ao médico, supermercado... É automático - estou tão acostumada que esqueço ele no pescoço”, diverte-se a colega. Vera Soletti faz mais questão de evitar esse uso na rua, hoje em dia, por motivo de segurança. Mas lembra que no início da carreira chegava a “esquecer de propósito” o cartão no pescoço até a chegada em casa.

Pensando em colegas que não se sentem tão confortáveis com o identificador, Nival de Oliveira Lage, da UniSerpro de Belo Horizonte, apela para o fator segurança o que chama de “o lado de lá”: “Não adianta o colega falar que não precisa usar o crachá porque tem 30 anos de Serpro devido a um motivo simples: o profissional terceirizado que está na segurança certamente não tem esse tempo de casa! É impossível para essa pessoa saber quem é quem, todos nós temos de colaborar”, destaca Nival. Não há como discordar do colega. ■



Crachás de Vera Veronese Soletti ilustram seus 33 anos de Serpro

NAS DUAS PONTAS DA VIDA

Com seu irmão, colega dedica trabalho voluntário a crianças e idosos

Há cerca de dez anos, José Donizetti Alves de Souza, da Supgp/Sede, recebeu um pedido de seu irmão: será que poderia ajudar a levar algumas madeiras que haviam sido doadas para o projeto Casa de Moisés? Prontamente Donizetti concordou, sem imaginar que aquela seria a primeira de uma série de ações voluntárias em prol do orfanato, situado em Águas Lindas, cidade goiana a 50 km de Brasília.

Ao visitar o local que abriga o projeto, o colega foi tocado pelas condições precárias e a necessidade de ajuda. Isso foi em 2000 e, desde então, Donizetti contribui com tempo livre para ajudar no que for necessário. “A motivação de trabalhar no projeto surgiu quando visitei a casa. Vi que aquilo era uma emergência”, relembra. “No trabalho voluntário não se pode perder tempo, pois nunca sabemos o dia de amanhã. Quando eu me aposentar, posso não estar mais em plenas condições de ajudar. Pode ser tarde para mim, ou também pode ser tarde para quem precisa de ajuda”, pontua.

A Casa de Moisés existe há 40 anos. Criada por uma senhora, sempre teve o objetivo de cuidar de crianças que são abandonadas e levadas ao abrigo pelo conselho tutelar. “A prioridade é reintegrar as crianças à família. Enquanto isso não acontece, elas ficam no abrigo. Caso não apareça nenhum familiar



Donizetti: “No trabalho voluntário não se pode perder tempo”

com condições psicológicas e financeiras para cuidar, ela passa estar disponível para adoção”, explica Donizetti. O projeto já chegou a contar com mais de 80 crianças, algumas com 12 ou 13 anos. Hoje em dia, trabalha-se com a idade máxima de 10 anos, atendendo aproximadamente 60 crianças.

Auxílio também aos idosos

Donizetti acredita que os trabalhos iniciados na Casa de Moisés foram um fator motivador para ele e seu irmão começarem a também trabalhar, meses depois, em outro projeto voluntário, o Lar da Terceira Idade Samaritanos. Iniciado no final de 2003, o local abriga 20 idosos. Por também ser localizada em Águas Lindas, a instituição chamou a atenção dos dois irmãos, que estenderam sua ajuda aos mais velhos.

O trabalho vem trazendo frutos. Há seis anos, com as constantes doações, melhorias nas instalações e ajuda de voluntários, ambas as casas vem melhorando suas instalações, avalia Dozinetti. O colega recomenda o engajamento em causas desse tipo: “É preciso ir conhecer o local, vivenciar situações, e saber se você está disposto a trabalhar. Se não for o caso, existem outras formas de colaborar, como buscar ou fazer doações”, conclui. ■



Para saber mais:

- Casa de Moisés - (61) 3618-5322
<http://www.casademoises.org/>
- Lar da Terceira Idade Samaritanos - (61) 8137-0800
<http://www.lar3idade-samaritanos.org/>

